



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



A INFLUÊNCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: um relato de experiência vivido no Estágio Obrigatório com o 5º ano do Ensino Fundamental

Mayra Tacyara dos Santos
Regina Aparecida Marques de Souza

RESUMO

Este artigo apresenta um relato de experiência decorrente do estágio obrigatório realizado no 5º ano do ensino fundamental em uma escola municipal localizada na cidade de Andradina, no estado de São Paulo, durante o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas. Essa experiência teve por objetivo refletir sobre a influência da afetividade no processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento das crianças, bem como a sua relevância no relacionamento entre professor e aluno no cotidiano escolar. Para alcançar esse objetivo, foi adotada a metodologia do relato de experiência com técnicas de observação, bem como uma abordagem qualitativa, relacionando-a com as referências e os pressupostos provenientes da teoria Histórico-cultural e de estudiosos que embasam o estudo da afetividade no processo de aprendizagem. Como resultado dessa experiência, foi abordado as melhorias nas relações dentro da sala de aula e no processo de aprendizagem, destacando o valor da dimensão afetiva e social, promovendo, assim, um ensino de qualidade fundamentado na afetividade. Desta forma, essa experiência identificou que a afetividade desempenha um papel importante no processo de desenvolvimento das crianças, contribuindo para que a aprendizagem ocorra de maneira mais significativa e concreta, além de auxiliar na melhoria da convivência na sala de aula e no desenvolvimento de outras aprendizagens cognitivas e sociais.

Palavras-chave: Afetividade, aprendizagem, ensino.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo refletir sobre a influência da afetividade no processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento das crianças, bem como a relevância dessa relação no cotidiano escolar. Para alcançar esse objetivo, foi adotada a metodologia do relato de experiência, tomando por base as vivências do estágio obrigatório no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas.

Antes de dar início, torna-se necessário apresentar a minha trajetória escolar, para que possamos entender o que me levou a realizar o curso de Pedagogia, bem como chegar no

tema abordado neste trabalho. Destaco que a escolha de escrita foi na primeira pessoa do plural, mas pedimos licença a você leitor para nesta primeira parte usar a primeira pessoa do singular por se tratar de uma história de vida, em seguida retornaremos para a primeira pessoa do plural por considerar que a escrita acadêmica é produzida por várias mãos (da autora principal, da orientadora, dos teóricos, entre outros).

Me chamo Mayra Tacyara, tenho 23 anos e sou natural da cidade de Andradina, São Paulo. Minha família é composta por minha mãe, meu pai, eu e minha irmã mais velha. No entanto, ela não mora mais conosco, e agora em minha casa vivem apenas eu, minha mãe, meu pai e minha bisavó materna. Minha bisavó é mãe de 9 filhos, por isso, sempre tive convívio com muitas pessoas ao meu redor. Todos os finais de semana, quando eu era criança, meus familiares se reuniam na minha casa. Eu não tinha muitos primos com a mesma faixa etária que eu naquela época, então brincava com minha irmã e meus primos mais velhos, além de minhas amigas da educação infantil, que felizmente me acompanharam em todo o meu desenvolvimento educacional e pessoal até hoje.

Meu ingresso na escola aconteceu no ano de 2004 na Escola Municipal Professora Ondina Hofig de Castilho, localizada no bairro Pereira Jordão, onde moro até hoje. Lá estudei desde a educação infantil até o ensino fundamental I. Minha professora da 1ª série se chamava Lucilene Novaes. Tenho vagas lembranças dessa época, mas sempre me vem à mente a minha imagem com um livro nas aulas dessa professora, e ela me ajudando a ler. Acredito que esse momento foi muito importante para mim, pois é o que mais lembro com clareza.

Recordo das atividades do processo de alfabetização, da junção de palavras e sílabas, dos jogos para montar palavras ou da memória com figuras e nomes de objetos. Lembro-me que podíamos ir até a lousa para responder a alguma pergunta ou até mesmo escrever e desenhar. Recordo também de momentos em que nos reuníamos nas mesas da biblioteca para assistir a teatros de fantoches ou ler um livro com a professora, as atividades com o rádio e as apresentações em datas comemorativas. Lembro de todos os meus amigos, alguns dos quais tive o prazer de estudar até o ensino médio.

Eu fui uma criança muito curiosa para a área da leitura, amava revistas e gibis, antes mesmo de saber ler e escrever, convencionalmente, já fazia minhas hipóteses de leitura e escrita. Meu contato com a escrita aconteceu bem antes de eu entender de fato o que era tal coisa, aqui trago Vygotski (1995, p. 04) “[...] o desenvolvimento da linguagem escrita tem uma longa história, extremamente complexa, que começa muito antes de a criança começar

a estudar a escrita na escola”. Como afirmou o autor, a história ou a pré-história da escrita nas crianças começa antes delas irem à escola, assim aconteceu comigo.

Na escola, comecei a ler na 1º série, mas me lembro que somente na 2ª série compreendi melhor. Meu lugar preferido sempre foi a biblioteca, eu adorava pegar livros e passar um tempo observando as prateleiras, até mesmo no intervalo, pena que nem sempre era possível, pois, nem sempre ela estava aberta. Se não me falha a memória, foi lá que eu conheci a escritora de literatura de infanto-juvenil Lygia Bojunga, os seus livros foram o impulso maior para eu me apaixonar mais pelo mundo dos livros e da literatura. Outra coisa que eu adorava também, era um projeto chamado “A maleta viajante”, que consistia em uma maleta com um livro e através de um sorteio, toda semana um estudante a levava para casa para ler o livro e ilustrar ou escrever em um caderno que também ia junto na maleta o que mais havia gostado na história lida. A literatura sempre teve um espaço especial na minha vida, não só no ensino fundamental I, como também no ensino fundamental II e no ensino médio.

Falando em ensino fundamental II e ensino médio, eu os concluí em uma escola localizada aqui no meu bairro, chamada E.E. Prof.^a Alice Marques da Silva Rocha, na qual o ensino ocorre em período integral, eu entrava as 7h e saía as 15h30. Apesar de ser uma escola periférica que possuía muitos estudantes indisciplinados, possuía uma ótima oferta de ensino e ótimos professores, nos quais a gente não encontrava somente uma figura de autoridade, mas sim de acolhimento e afeto. Sou grata por todo conhecimento que adquiri ao estudar lá e por cada palavra de carinho que recebi nos momentos em que mais precisei.

Por se tratar de uma escola de período integral, lá possuía disciplinas que também nos ajudava no nosso desenvolvimento pessoal e para o mercado de trabalho, além de termos também, um tutor, que seria algum profissional da docência ou da gestão que acompanhava o nosso desenvolvimento educacional e nos auxiliava no que fosse preciso para melhora, cada estudante possuía o seu tutor e sempre que necessário era chamado para a tutoria.

No 3º ano do ensino médio, eu e meus colegas de sala tivemos bastante incentivo para prestar o vestibular e o Enem, os professores sempre passavam simulados com base nos possíveis temas abordados nessas provas. Fizemos também uma visita a uma faculdade particular daqui da cidade de Andradina e a universidade Estadual Paulista (UNESP), na cidade de ilha solteira, que foi o momento em que eu tive o primeiro contato com uma universidade, e fiquei encantada com tudo o que foi mostrado. Nesse mesmo ano (2017), iniciei o meu curso técnico de administração, que teve duração de 1 ano e meio. Prestei o

Enem, mas por conta do curso técnico não tinha intenção de ingressar no ensino superior naquele momento.

Então no ano de 2018, prestei o Enem mais uma vez, e sem muitas expectativas, me inscrevi no SISU. Minha opção de curso sempre foi arquitetura e Urbanismo, mas por não ter condições de me manter em outra cidade, acabei ficando sem opções. Então, passando pelas vagas, optei por pedagogia na UFMS, pois além de ser uma universidade pública, é próxima a minha cidade. Fui aprovada, e minha família toda ficou em êxtase, pois seria a primeira pessoa da minha casa a ingressar no ensino superior, e a primeira na família a ingressar em uma universidade pública. Eu tive o incentivo de todos, e embora não fosse minha opção de curso eles me encorajaram a levar adiante.

Cursar pedagogia e realizar o estágio obrigatório me fizeram admirar ainda mais a área da educação, e abrir o olhar para as infinitas possibilidades dentro da profissão de pedagoga, além de me levar a reflexão sobre a importância do rompimento desse olhar autoritário e estereotipado característico que foi construído no modelo de educação tradicionalista, para a construção de um olhar mais sensível e pensante. Como também, me ajudou a entender a importância de uma prática pedagógica que garanta o direito a infância, levando em consideração as dimensões e relações humanas, culturais, espaciais e sociais, presente na vida do educando. Garantindo assim um educar mais humanizado e que respeite as especificidades de cada criança. Foi a partir daí, que surgiu a minha vontade de abordar sobre a influência da afetividade no ensino e a sua importância. Para isso, tomei como fundamentação teórica a teoria histórico-cultural.

De acordo com essa teoria a construção do conhecimento, da identidade e da personalidade se dá a partir das experiências e relações sociais, sendo o desenvolvimento e o contexto histórico e social no qual a criança pertence fatores indissociáveis para a sua aprendizagem. A partir das relações a criança constrói os seus sentidos e significações sobre si mesma e sobre o mundo. Assim, o ambiente onde ela está inserida, seu contexto social, e os estímulos que ela recebe possuem grande influência no processo de desenvolvimento de sua aprendizagem. É no âmbito escolar que ela irá experimentar novas experiências, logo, a atitude do professor, que será um dos papéis fundamentais na mediação da construção de sua aprendizagem possui grande influência em seu desenvolvimento integral.

Para Vigotski (1896-1934) só é possível compreender o pensamento humano, a partir do momento que se percebe a base afetiva, tornando os assim esses aspectos indissociáveis

para o desenvolvimento da criança, bem como na formação complexa do psiquismo humano, a personalidade. Tornar a afetividade como objeto de conhecimento se torna fundamental no ambiente escolar quanto as dimensões cognitivas, para que além dos conteúdos que são aprendidos, a criança possa compreender as causas e as consequências dos conflitos do dia a dia, bem como conhecer a si mesma, suas emoções, os seus colegas, desenvolver autonomia, segurança, e se sentir preparada para a vida cotidiana.

Sendo assim, é de grande importância a realização de práticas pedagógicas que assegurem valorizar e respeitar as singularidades de cada criança e o seu contexto social, proporcionar experiências que ampliem as suas referências culturais, organizar tempos, espaços e interações que permitam a apropriação efetiva de conhecimentos, dar o mesmo grau de importância ao desenvolvimento afetivo e cognitivo, pois ambos são fundamentais para o seu desenvolvimento integral, e proporcionar um ambiente onde ela se sinta segura para se expressar e dar suas opiniões.

O meu trabalho se configura numa pesquisa qualitativa, com a metodologia de relato de experiência, com técnicas de observação, uma vez que teve como base para a construção dele, leituras e pesquisas bibliográficas acerca do tema abordado. As pesquisas e levantamentos foram tomados a partir do acesso ao *google* acadêmico e repositórios, tendo como base leituras exploratórias de livros, artigos e monografias fundamentadas nas obras de Lev Vigotski e outros pensadores que estudam a teoria histórico-cultural.

Assim, esse artigo tem por objetivo apresentar o relato de experiência no 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública municipal da cidade de Andradina, no intuito de compreender o papel importante que a afetividade possui no processo de desenvolvimento da criança, contribuindo para que a aprendizagem se dê de maneira mais significativa e concreta, bem como auxiliando a melhoria na convivência na sala de aula e no desenvolvimento de outras habilidades cognitivas e sociais.

Ele será organizado em três momentos: a fundamentação teórica onde discutiremos sobre a importância da afetividade no ensino com embasamento na teoria histórico-cultural; metodologia; e por fim será descrito a observação-participante do relato de experiência.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De acordo com o DÍCIO (Dicionário online de português), afetividade é conceituada como o conjunto dos fenômenos afetivos, tais como: tendências, emoções, sentimentos, paixões etc. Ela é a força constituída por esses fenômenos, no íntimo de um caráter individual. Complementando esse conceito, o dicionário Michaelis a define como:

- 1 Qualidade ou caráter daquele que é afetivo: “Fingi não ver seus gestos, combatia-lhe a afetividade exagerada, que nos inclinava ao fausto” (NP).
- 2 PSICOL Conjunto de fenômenos psíquicos que se revelam na forma de emoções e de sentimentos.
- 3 PSICOL Capacidade do ser humano de reagir prontamente às emoções e aos sentimentos. (Michaelis, 2023)

Assim, pode se afirmar que a afetividade é vista como uma dimensão da existência humana, onde as emoções se manifestam. Suelly Mello define afeto como:

Afeto diz respeito àquilo que afeta, o que mobiliza, por isso reporta a sensibilidade, sensações. Podemos ainda referir afeto como ser tomado por atravessado, perpassado, quer dizer: afetado. Este atravessar, perpassar é o que propriamente dá o caráter de afecção. Quando o sujeito experiencia uma afecção, essa vivência provoca nele uma alteração da sua potência de pensar, sentir e agir. (Mello, 2010. p.684)

A escola é um ambiente fundamental e potencializador para o processo de desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, para que ela se desenvolva de maneira adequada e saudável, esse ambiente deve ser composto por relações interpessoais positivas, bem como ser um lugar acolhedor e encorajador. Uma ação pedagógica pautada na percepção afetiva possibilitará que a criança se sinta segura, evitando bloqueios afetivos e cognitivos, permitindo assim, uma construção de conhecimento mais significativa.

Sobre a importância da afetividade, Rodrigues destaca que:

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando sente-se querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...). Se a tarefa escolar atender aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o tédio e a monotonia forem banidos da escola, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente. Os motivos da criança para aprender são os mesmos motivos que ela tem para viver. Eles não se dissociam de suas características físicas, motoras, afetivas e psicológicas do desenvolvimento. (Rodrigues, 1976. p.174)

De acordo aos conhecimentos da teoria de Vygotsky (1998, 2001 e 2004) a construção da identidade se dá a partir das trocas e relações com o outro. São os seus relacionamentos e experiências interpessoais que irão definir o seu desenvolvimento afetivo e cognitivo. Podendo ressaltar, que para ele só é possível compreender o pensamento humano, a partir do momento que se percebe a base afetiva. Chegando próximo as ideias de Wallon (1812-1904), sua teoria acredita que a dimensão afetiva e cognitiva são indissociáveis.

Assim como o ambiente onde a criança está inserida, os estímulos que ela recebe também possuem grande influência no processo de desenvolvimento de sua aprendizagem. É no âmbito escolar que ela irá experimentar novas experiências, logo, a atitude do professor, que será um dos papéis fundamentais na mediação da construção de sua aprendizagem, poderá influenciar de maneira positiva ou negativa. Por esse motivo, é tão importante que a escola busque respeitar as individualidades e necessidades de seus estudantes. Quando a criança é incentivada em suas dimensões motora, afetiva e cognitiva, ela consegue atingir com mais facilidade os objetivos de ensino da escola. Valendo ressaltar também, que um professor afetivo, é capaz construir uma relação segura com as crianças, evitando assim, possíveis bloqueios afetivos e cognitivos, favorecendo o seu trabalho e ajudando-as a lidarem com os seus erros e inseguranças durante o processo de aprendizagem.

O modo como os professores enxergam a criança é essencial para o sucesso da aprendizagem. Quando não julgam e procuram se aproximar do aluno, acreditam nele, observam seu comportamento e incentivam suas capacidades, ele tem tudo para crescer. (Cavalcante, 2005. p.54)

É através da afetividade que o sujeito reconhece melhor suas probabilidades, limites, dificuldades, seus valores, sentimentos e motivações, que te ajudarão nas decisões de suas escolhas, quando necessário. Ela também é o indicador dos primeiros sinais da vida Psíquica que põem ser observados a partir do comportamento infantil, uma vez que os comportamentos da criança manifestam quais estímulos ela está recebendo, sendo eles negativos ou positivos.

Assim, desse modo torna-se notório que a afetividade tem um papel essencial no processo de desenvolvimento da criança, e está altamente relacionada aos processos de ensino e aprendizagem, contribuindo para que a aprendizagem se dê de maneira mais significativa e concreta, além de ajudar na construção da identidade e da autoestima.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para construção desse trabalho foi o relato de experiência com técnicas de observação, bem como cunho bibliográfico, uma vez que o trabalho foi elaborado através de pesquisas científicas e referências deixadas por teóricos e estudiosos que tem por embasamento o estudo da afetividade no processo de aprendizagem, tudo isso com o objetivo alcançar informações que contribuam para saneamento das dúvidas sobre a temática desse trabalho. Para a elaboração dele, foram realizadas pesquisas no *google* acadêmico e em repositórios, leituras exploratórias de livros, artigos e monografias fundamentadas nas obras de Lev Vigotski, e outros pensadores que estudam a teoria histórico-cultural. Esse foi o meu primeiro contato com essa teoria e ainda tenho muito para aprender, mas foi um excelente começo, pois ao observar a prática foi possível articular com a teoria e obter reflexões acerca do tema.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: OBSERVAÇÃO-PARTICIPANTE E REGÊNCIA NA TURMA DO 5º ANO C

O estágio obrigatório, importante componente presente na grade curricular dos cursos de nível superior, é o momento em que o acadêmico coloca em prática os conhecimentos adquiridos nas salas de aula no decorrer do curso. Conforme apontam Lima e Pimenta (2006), o exercício de qualquer profissão é prática, no sentido de se aprender a fazer algo ou ação, pois as crianças são capazes de aprender a partir da observação, imitando, mas também se faz necessário elaborar o seu próprio modo de ser a partir de análises críticas sobre o processo de aprendizagem.

Desse modo, foi destacado nesse tópico como se deu o momento de observação participante, no qual foi observado as práticas da professora responsável pela turma, além de auxiliá-la quando fosse oportuno. E também o momento de regência.

A observação participante, iniciada no dia 10 de maio, consistiu em observar como era o cotidiano da sala de aula, o desempenho das crianças perante as atividades propostas pela professora, a interação entre professor-estudante e entre estudante-estudante, como a professora realizava a exposição e construção de conhecimento através dos conteúdos e teorias aplicadas, além de auxiliá-la em todos os momentos em que se fazia necessário.

Esse momento de observação participante foi essencial para começar a criar um vínculo com as crianças, e se preparar para o momento da regência. Esse vínculo é essencial para garantir que haja uma boa relação entre professor e estudante, pois, conforme explica Reginatto (2013), quando as crianças chegam à escola e encontram um professor alegre, esperando ansioso pela sua chegada, paciente, disposto a ajudar, certamente tentarão fazer o mesmo para retribuir esse afeto.

Após concluir o momento da observação participante, chega o momento de fazer todo o planejamento para a docência. Após visualizar através das aulas ministradas pela professora supervisora, a realidade do que acontece em sala de aula, as dificuldades enfrentadas tanto pelo professor, quanto pelas crianças para atingir os objetivos e habilidades, foram selecionados os conteúdos para as aulas. Para isso, foram realizados diálogos com a professora para realizar o planejamento de acordo com o que ela buscava trabalhar. Então, com base na base nacional comum curricular (BNCC) e nas orientações passadas pela professora, o planejamento foi realizado e se deu início à regência.

De início, a professora explicou à turma o que estava acontecendo e porque haveria outra pessoa ocupando o seu lugar por um período. Nessa etapa foi possível ver mais de perto as dificuldades das crianças ocasionadas em grande parte devido à pandemia, que as afastou da escola no momento em que elas deveriam estar se alfabetizando. Foi perceptível que mesmo com as aulas a distância, as consequências ainda estão sendo observadas nas crianças que vivenciaram esse período.

Durante a regência, foi buscado manter uma boa relação de afetividade com as crianças, assim como a própria professora mantinha. O que ficou bem claro durante a observação e conversas com ela. A professora mostrava sua posição de autoridade na sala, mas não era uma figura autoritária. Mesmo sendo uma sala bem agitada, todos escutavam e respeitavam ela. Eles tinham uma boa relação, e ficou bem claro que isso se deve à forma como ela os tratava. Sendo assim, o esperado era construir uma relação parecida, e isso foi conquistado com êxito, uma vez que as crianças se sentiam à vontade e se mostravam interessadas a participar em todos os momentos da aula, expondo suas opiniões, ideias e nos ajudando no que fosse preciso na realização das atividades propostas.

Pode se ressaltar que a professora se preocupava e buscava acolher as crianças no que fosse necessário, e tentava ensinar conforme a suas necessidades. Isso fazia com que elas tivessem bom aproveitamento durante as aulas. Como as crianças viviam em condições periféricas a professora tentava fazer ações que pudessem ajudá-las, e uma delas foi preparar

um kit higiene e dar para cada uma, apenas por enxergar a realidade e dificuldade em que vivem, sem condições de cuidados básicos com a higiene. Outra vez no processo pós pandêmico ela fez cachorros-quentes e levou para a sua sala, em uma festa junina, pois só iria ter pipoca, e como ela sabia que muitas crianças só comiam na escola, resolveu fazer com o próprio dinheiro os cachorros-quentes para que elas pudessem se alimentar. A professora tinha um olhar humanitário e estava sempre tentando de alguma forma acolher as crianças, gerando assim, uma aproximação maior entre elas.

Essa afetividade entre professora e estudante foi uma das coisas que mais chamou atenção, pois como mencionado anteriormente, a afetividade interfere no desenvolvimento da criança, tanto afetivo quanto cognitivo. Pensando nisso, a prática pedagógica aplicada foi repleta de momentos lúdicos, com dinâmicas, atividades que promoviam a interação e participação das crianças, valorizando os saberes de cada uma e reconhecendo quando elas conseguiam se sair bem nas atividades, pois acredito que:

Ser promotor de afetividade é incentivar, apoiar, aconselhar. Pequenas atitudes podem fazer a diferença para aquela criança que chega à escola totalmente desmotivada e desanimada, sem vontade de se abrir para novas oportunidades de aprendizado. Se, ao invés de criticá-la pela sua postura diferenciada em relação aos demais membros da turma, o professor elogiar seus aspectos positivos, já estará fazendo um grande bem. (Reginatto, 2013. p.7)

Dessa forma, motivar e incentivar as crianças é indispensável para que elas sintam cada vez mais vontade de aprender e estejam sempre dispostos a participar das aulas. E a partir da afetividade, é possível criar um ambiente aconchegante e acolhedor, onde ela irá se sentir segura para se expressar e desenvolver todas as suas habilidades.

A partir dessas práticas e, principalmente desse momento de regência foi possível se desenvolver enquanto profissional, tendo em vista que o estágio, segundo Neves, Araújo e Schantz Júnior (2018), é, acima de tudo, uma das formas que o acadêmico possui de experimentar a prática profissional, que permite desenvolver certas habilidades como criatividade, independência e liderança. O estágio contribui para o conhecimento da realidade profissional, não basta apenas o que é visto dentro dos muros da academia, mas, a formação completa exige o momento de prática, onde o estagiário irá se deparar com dificuldades reais, onde ele precisará desenvolver soluções práticas e isso somente é possível através do estágio.

O Estágio obrigatório conta com a supervisão de um profissional experiente, sendo assim, esse momento permite que o acadêmico teste suas hipóteses, permitindo ainda erros que vão ser avaliados pelo supervisor para que futuramente não sejam cometidos novamente.

Para a finalização do relato se torna oportuno o compartilhamento dos momentos e atividades vivenciadas durante o estágio obrigatório:



Fonte: Particular da autora

Essas fotos retratam uma aula sobre os três poderes, momento no qual foi explicado detalhadamente o assunto e socializado algumas questões como: “Qual o nome dos três poderes?” “Como é feita a escolha do presidente e dos demais governantes do nosso país” “Vocês conhecem como é realizada as votações?”, após a coleta das respostas, explicamos

a elas todo esse processo de como é realizada as votações, por quanto tempo eles podem ser eleitos, quem deve votar, entre outras informações acerca do tema.

Logo depois, ocorreu a exposição da representação de uma urna confeccionada para que elas pudessem conhecer e ter um primeiro contato. Ao final da aula, foi realizada uma dinâmica na qual elas escolheriam através de uma votação alguém para representar o “presidente da sala”, para isso foi pedido 3 voluntários para se eleger ao cargo.

Cada um deles escolheram um número para os representar na votação e compartilharam com a sala suas propostas. Feito isso, um a um, se dirigia até uma mesa onde estava a urna, colocava dentro dela um papel com o número do representante escolhido, e fingia que estava votando através dos botões feitos de E.V.A colados na urna. O resultado da votação foi: 14 votos para Ana, 4 votos para o Mateo e 3 votos para o Pablo. (Nomes fictícios para a preservação de identidade das crianças) elegendo assim, a aluna Ana. Todos gostaram muito da dinâmica e se divertiram.



Fonte: Particular da autora

Nessa aula tivemos leitura de um texto e a produção de um relato de experiência, o texto falava sobre um aniversário inesquecível, relatado por um garoto. No primeiro momento, foram entregues textos para que as crianças pudessem ir acompanhando a leitura, após a leitura foram feitas indagações sobre os fatos dos textos, e elas demonstraram muito interesse ao responder. Logo depois foi solicitado que as crianças produzissem um relato sobre um aniversário inesquecível que tiveram ou que foram, depois foi realizado a montagem de um mural e tivemos uma breve socialização. Ao fim da atividade as crianças colaram os seus relatos no mural, e se voluntariaram para contar sobre qual foi o aniversário

escolhido, então algumas delas fizeram a socialização com os seus colegas sobre o seu relato, e assim a aula foi finalizada.



Fonte: Particular da autora

Nesse dia foi trabalhado a disciplina de ciências da natureza, com foco no tema: Saneamento básico. No primeiro momento foi perguntado às crianças qual era o entendimento que elas possuíam acerca do tema, se elas conheciam o que era saneamento básico e o porquê de ele ser tão importante para a sociedade. Logo depois, foram levantadas perguntas sobre o bairro em que vivem. Como por exemplo: No seu bairro há água encanada? As ruas são asfaltadas? Ocorre a coleta de resíduos sólidos (caminhão da reciclagem)? Há drenagem urbana (Ex. Bueiros)? Depois dessa breve socialização, elas foram encaminhadas para fora da sala, e foi explicado que naquele momento iriam realizar a separação de alguns materiais e descartar corretamente na lixeira de itens recicláveis do pátio da escola. (Ex. garrafa, caixa de remédio, alumínio etc.) E assim se deu o momento das fotos acima.



Fonte: Particular da autora

A foto acima foi realizada na mesma aula, após a atividade de separação dos lixos recicláveis. As crianças foram separadas em quatro grupos, onde receberam 1 cartolina e cada grupo ficou responsável em falar sobre a importância de um dos serviços do saneamento básico, que foi sorteado através de pequenos papeizinhos.

Todos os grupos se mostraram interessados para realizar o trabalho, todas as decisões do cartaz foram tomadas juntas, eles se empenharam, fizeram desenhos, coloriram, colaram figuras e ao final da aula entregaram lindos cartazes que foram colados pela parede da escola.



Fonte: Particular da autora

As imagens acima são de uma aula de matemática sobre frações. Como de costume a aula foi iniciada com uma breve socialização para ser levantado o que as crianças já sabiam a respeito do conteúdo. Logo em seguida, foram passadas algumas atividades na lousa, e a explicação se deu através de recortes de E.V.A. Para fazer a representação das frações, foram utilizadas peças de dominó. Depois da explicação, elas copiaram e começaram a responder as questões nos seus devidos cadernos. O desenvolvimento da atividade foi acompanhado de perto, passando de carteira em carteira para ver se elas estavam conseguindo realizar ou se precisavam de ajuda, e algumas das crianças não conseguiram desenvolver a atividade sozinhas, então foram ajudadas no que foi preciso.

A correção aconteceu na lousa, para isso foi pedido para que as crianças ajudassem a encontrar as respostas juntas. No último momento da aula, tivemos a dinâmica “Representação de frações com dominó” onde elas pegaram uma peça sortida de dominó e representaram a “fração” ilustrada na peça em um pequeno círculo feito de E.V.A, feito isso,

socializamos as representações, e foi pedido para que elas lessem a fração sorteada e em seguida que a colassem em seus cadernos. As crianças se mostraram bastante animadas com a atividade e, apesar de elas apresentarem uma certa dificuldade foi um dia muito produtivo.

Assim, para finalizar essa sessão, pode se dizer que foi buscado trabalhar com a organização das crianças de maneiras diversificadas, tendo em vista em que elas adoram trabalhar em conjunto, foram obtidos bons resultados nos desenvolvimentos das atividades, onde elas se mostravam interessadas para realiza-las. As crianças eram sempre muito respeitosas e carinhosas, o que fez com que me sentisse a vontade, tanto no período de observação quanto na regência. Cabe ressaltar que os saberes que foram aplicados na docência, visavam respeitar e considerar as vivências das crianças, suas individualidades, estabelecendo uma relação de respeito entre ambos, pensando a melhor forma de causar uma educação transformadora, humanizada, na qual elas possam enriquecer cada vez mais seus conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse trabalho contribuiu para o aprofundamento de saberes acerca da importância da afetividade dentro das salas de aula, e a maneira na qual ela conecta professor e estudante, e influência no desenvolvimento das crianças. Não posso deixar de citar que o enriquecimento do mesmo, se deu graças as vivências do estágio obrigatório, onde foi possível captar de perto um ambiente rico em afetividade, estímulos, companheirismo, atenção e comprometimento com o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Com o estágio foi perceptível que um ambiente rico em afetividade e acolhimento, promove mais segurança, respeito mútuo e autoconfiança, gerando assim uma aproximação na qual as crianças conseguem se sentir à vontade na presença do professor, perdendo o medo de expor suas ideias, para sanar suas dúvidas e serem mais ativas durante as atividades, conseguindo assim um melhor aproveitamento durante as aulas.

Infelizmente ainda é muito comum presenciar práticas pedagógicas que violam os direitos, que excluem os anseios, interesses, necessidades e autonomia da criança, bem como o contexto social no qual ela vive, suas particularidades e o seu ritmo de desenvolvimento. Cabe ressaltar, que é necessário sim ser uma professora com autoridade e disciplina, entretanto, esses atributos devem ser pautados de maneira na qual não atinja o bem-estar da criança e o seu desenvolvimento, para que assim ocorra uma aprendizagem mais

significativa, e tenha respeito mútuo e harmonia dentro dos ambientes de ensino, assim como ocorre nessa sala de aula na qual eu realizei o meu estágio.

Sendo assim, pode-se concluir que as experiências vividas no estágio e o processo de elaboração deste trabalho contribuíram de maneira imprescindível para reflexão, e para realocar o olhar para as práticas pedagógicas que enaltecem o valor afetivo assim como o cognitivo. O exemplo tirado da professora foi de grande importância, com ela foi possível enxergar que pequenos gestos e atitudes podem se tornar significativos a ponto de influenciar e melhorar o desenvolvimento das crianças e gerar um bom relacionamento. Todo conhecimento adquirido aqui servirá como um norte para quando a docência se tornar realidade.

REFERÊNCIAS

AFETIVIDADE. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/afetividade/> Acesso em: 20 jan. 2023.

AFETIVIDADE, In: MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/afetividade/> Acesso em 20 jan. 2023

CAVALCANTE, M. Como Criar uma Escola Acolhedora. Nova Escola, São Paulo: abril, n. 180, p. 51-57, março 2005

EMILIANO, J. M; TOMÁS, D. N. Vigotski: A relação entre afetividade, desenvolvimento e aprendizagem e suas implicações na prática docente. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 2. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/35/06042015200306.pdf>. Acesso em 12 nov. 2023

GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas; MELLO, Suely Amaral. Educação escolar e constituição do afetivo: algumas considerações a partir da psicologia histórico-cultural.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio e docência: diferentes concepções. Poésis pedagógica, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

MEDEIROS, Maria Fabrícia de. O papel da afetividade na relação professor e aluno e suas implicações na aprendizagem p.9. Revista online de Política e Gestão Educacional, Araraquara, v. 21, n. esp.2, p. 1165-1178, nov. 2017. Disponível em: E-ISSN:1519-9029. Acesso em: 10 fev. 2023

NEVES, Cláudio de Oliveira; ARAÚJO, Renato Braz; SCHANTZ JUNIOR, Jairo. Estágio Acadêmico Em Academia De Musculação: Relato De Experiência. Seminário Transdisciplinar da Saúde, n. 06, 2018.

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. Revista de educação do IDEAU, v. 8, n. 18, p. 1-12, 2013.

RODRIGUES, Marlene. Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. 305p

VYGOTSKI, L. S. A pré-história do desenvolvimento da linguagem escrita (Revisão técnica professora Suely Amaral Mello. Tradução professoras Suely Amaral Mello e Regina Aparecida Marques de Souza) In **Obras escogidas** (Vol. 3, pp. 183-206). Madrid: Visor Distribuciones. 1995.